Reflexão

MUDAR PARA AVANÇAR



Luiz Carlos Corrêa Carvalho*

Quando os ventos de mudança sopram, algumas pessoas levantam barreiras, outras constroem moinhos de vento.

Miguel de Cervantes

ACABAMOS DE voltar da reunião entre Brasil e Alemanha, em Hamburgo, onde o tema do agronegócio foi tratado como iniciativa especial no fórum, além das questões industriais, logísticas e outras de interesses comuns.

Ambos os países têm elevada produtividade agrícola e exportam vários produtos, com diferentes papéis de liderança. O Brasil, nos agronegócios tropicais, dá ritmo de desenvolvimento na chamada integração lavoura-pecuária-floresta, no etanol e na bioenergia elétrica; a Alemanha, na tecnologia industrial, na alta qualidade do ensino, na nanotecnologia, na biotecnologia e em outros. A relação entre os países é intensa, e a participação de empresas alemãs no Brasil é, de fato, importante.

Na Europa, a Alemanha lidera as discussões das mudanças climáticas desde o início, com ações efetivas no plano dos conceitos e nos investimentos. Nessa reunião, o país reiterou sua prioridade para com o tema da biomassa e da bioenergia, salientando a importância do Brasil e dos desenvolvimentos tanto das energias derivadas da cana-de-açúcar, como da bioquímica, por meio dos esforços realizados nas áreas de plásticos e hidrocarbonetos verdes, por exemplo.

Há, do lado técnico alemão, dificuldades em entender por que, nos últimos anos, o setor canavieiro brasileiro, no etanol, está com tantos problemas. Trata-se da equivocada política econômica, em que o etanol é arrasado e a Petrobras prejudicada, enquanto se trava a oferta de bioeletricidade com os reservatórios de água em limites críticos e o uso intensivo de térmicas movidas por combustível fóssil. Para quem olha com responsabilidade e patriotismo, é difícil entender.

Os Estados Unidos, com preços internos baixos de gás e de petróleo, inundam-se com produção própria de gás e petróleo de *shale*, responsável pelos preços do petróleo no patamar em que estão. Os problemas na Rússia-Ucrânia, Faixa de Gaza, Iraque, Irã e Síria, normalmente, teriam levado o petróleo a preços insuportáveis. Nesse caso, o Brasil é ajudado pelos preços, pois segue importando derivados como diesel e – com o enfraquecimento da oferta de etanol – gasolina. O que seria disso com os preços do petróleo a US$ 200 por barril?

A lógica da geopolítica energética global pende para nova dominância dos EUA, a dependência da Europa, da Rússia e do Oriente Médio e a grande demanda que virá da Ásia. Enquanto o Pré-Sal não acontece, a Petrobras padece em importações prejudiciais e o agronegócio canavieiro vive seus piores momentos.

O Brasil marcou, no passado (Rio-92), posição progressista no campo ambiental, elogiada pelos países desenvolvidos. Na reunião Rio+20, em 2012, a não mais do que duas semanas do seu final, em que mostrou o etanol como exemplo de sustentabilidade, o Governo zerou a Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (CIDE) da gasolina, massacrando o etanol em anos de preços congelados da gasolina, para teoricamente controlar a inflação.

Os levantamentos de opinião realizados pela ABAG sobre o agronegócio, no meio urbano, indicam o respeito e a atenção dos cidadãos citadinos pelo desenvolvimento e modernização do agro. Estes cidadãos, pelas pesquisas eleitorais publicadas pela mídia, estão crescentemente exigentes para com os governos. O agronegócio vem sendo cortejado pelos candidatos às eleições, também como consequência do comportamento da população urbana. ■

* Presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG)